

MULHERES, RAÇA E CLASSE

Angela Davis

Disciplina: Comunicação, Culturas e Diversidades Étnico-Sociais
Ministrada pelo Prof. Ferdinando Crepalde Martins



INTEGRANTES

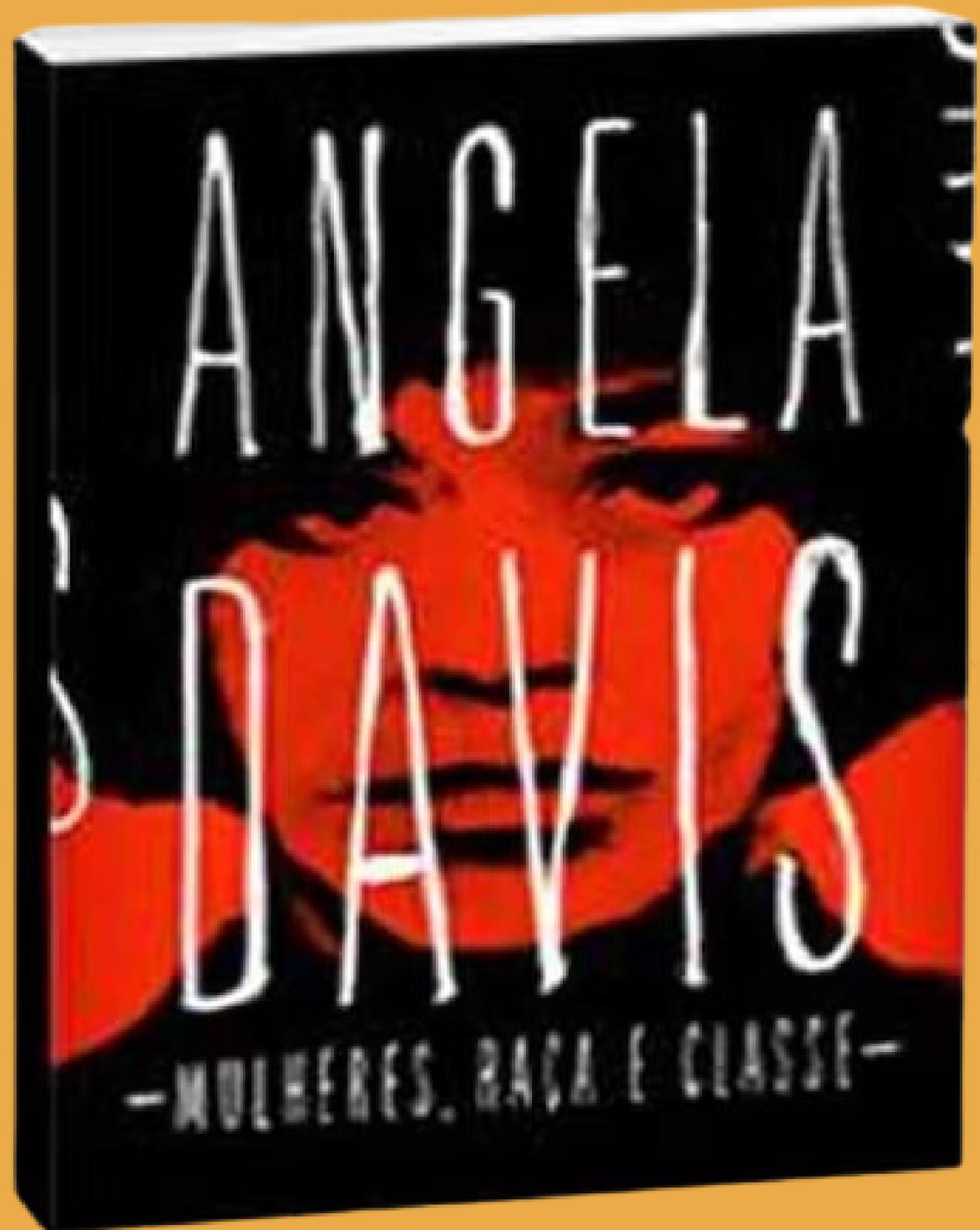
- Eric Frota de Sousa
Nº USP 12558206
- Gabriela M. V Correia
Nº USP 11856750
- Victória Maria Lopes Corrêa
Nº USP 9791632

Angela Davis

Angela Davis é uma filósofa, ativista política e acadêmica americana que é conhecida por seu trabalho em defesa dos direitos civis e justiça social.



- 1944 - Nascimento no Alabama, EUA
- 1970 - Foi presa acusada de envolvimento em um atentado em que os Panteras Negras tentaram sequestrar um juiz americano para usá-lo como moeda de troca para libertar três integrantes do grupo Panteras Negras. De dentro da prisão, mobilizou uma campanha a favor de sua libertação. 18 meses depois foi inocentada de todas as acusações.
- Em 1980 e 1984 foi candidata à vice-presidente dos EUA pelo Partido Comunista. Por sua orientação política, foi impedida de lecionar na Universidade da Califórnia.



"Mulheres, Raça e Classe" é um livro escrito por Angela Davis e publicado em 1981.

"A intersecção entre feminismo, antirracismo e luta de classes pelos olhos da filósofa e ativista Angela Davis, na obra que se tornou uma referência da literatura sobre os direitos civis."

Judith Butler

CAPÍTULO 1:

O LEGADO DA ESCRAVIDÃO - PARÂMETROS PARA UMA NOVA CONDIÇÃO DA MULHER

➤ Sistema Escravista

- Povo negro visto como propriedade.
- Homens e mulheres, desde muito jovens, eram vistos como unidades de trabalho lucrativas, neste sentido, importavam-se mais com lucro do que com gênero.
- Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas.
- Enquanto a mulher branca era vista como mães protetoras, parceiras, donas de casa, a mulher negra era uma anomalia.

“A mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa”

➤ Período de abolição do tráfico internacional de mão de obra escrava:

- Passou a ser utilizada a reprodução natural como o método mais seguro para repor e ampliar a população de escravas e escravos domésticos.
- A capacidade reprodutiva das escravas passou a ser valorizada (as mulheres negras passaram a ser cada vez mais avaliadas em função de sua fertilidade)
- A exaltação ideológica da maternidade - tão popular no século XIX - não se estendia às escravas.
- Uma vez que as escravas eram classificadas como "reprodutoras", e não como "mães", suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe como bezerros separados das vacas.

Aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava.



Violência Obstétrica e Racismo

"Mulheres pretas têm quadris mais largos e, por isso, são parideiras por natureza"

"Mulheres negras são fortes e mais resistentes à dor"

- Estudo da Fundação Oswaldo Cruz sobre as disparidades raciais no atendimento de mulheres grávidas.
- A violência obstétrica atinge uma em cada quatro mulheres no nosso país, de acordo com o Ministério da Saúde, sendo que dessas, 65,9% são negras.



"A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil"
(Fiocruz, 2017)

Violência Obstétrica e Racismo

Conclusões do estudo:

- Mortalidade materna tem maior incidência entre as mulheres pretas.
- Mulheres negras possuem maior risco de terem um pré-natal inadequado, além das maiores chances de sofrerem VO durante o parto.
- Frequentemente estão sozinhas, com ausência de acompanhante durante o parto.
- Apesar de sofrerem menos episiotomias em comparação às brancas, mulheres negras tem chances menores de receberem anestesia durante o procedimento.

62,8% das mortes maternas atuais são de mulheres negras

Apenas 27% das mulheres negras entrevistadas, obtiveram acompanhamento durante a gestação.

➤ Mão de obra escrava feminina



A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas

- Mães eram forçadas a deixar os bebês deitados no chão perto da área em que trabalhavam.
- Impossibilitadas de amamentar ao longo do dia, elas suportavam a dor causada pelo inchaço das mamas.
- As mulheres grávidas não apenas eram obrigadas a realizar o trabalho agrícola usual como também estavam sujeitas às chicotadas que trabalhadoras e trabalhadores normalmente recebiam se deixassem de cumprir a cota diária ou se protestassem com "insolência" contra o tratamento recebido.

Disparidade salarial e racismo



"Mulheres negras recebem 57% a menos do que homens brancos, 42% a menos do que mulheres brancas e 14% a menos do que homens negros recebem."

Para cada R\$ 1 que um homem ganha, uma mulher recebe R\$ 0,78. A variação é ainda maior quando considerada a cor de pele: a cada real ganho por um homem branco, uma mulher negra recebe R\$ 0,43.

Levantamento do IBGE, 2019

Pesquisa aponta desigualdade na média salarial da mulher negra em SP



Publicado em 08/03/2023 - 13:53 Por Leandro Martins - Repórter da Rádio Nacional - São Paulo

Pesquisa da Fundação Seade, ligada ao governo de São Paulo, mostra que as desigualdades no mundo do trabalho entre homens e mulheres persistem. Mais que isso, a pesquisa revela que as mulheres, apesar de terem formação escolar maior que os homens, recebem salários menores.

De acordo com o relatório, 34% das mulheres entre 25 e 44 anos têm ensino superior completo, contra cerca de 27% dos homens da mesma faixa etária. No entanto, a média salarial de uma mulher negra no estado de São Paulo é de R\$ 13,86 por hora, enquanto a de um homem não negro é de R\$ 27,15.

Além disso, a pesquisa mostra ainda que o desemprego atinge ainda mais as mulheres negras. No terceiro trimestre de 2022, 14,2% das mulheres negras estavam desempregadas no estado, ao passo que entre os homens

— “ —————

"Vale repetir: as mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; eram socialmente iguais a eles no interior da comunidade escrava; e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que eles. (...) Mais uma vez, é importante lembrar que os castigos infligidos a elas ultrapassavam em intensidade aqueles impostos aos homens, uma vez que não eram apenas açoitadas e mutiladas, mas também *estupradas*."

————— ” —

➤ A mulher negra e a feminilidade

- Promiscuidade *versus* casamento
- Sexo forçado *versus* sexo consentido
- Ideologia da feminilidade
- O gênero feminino da mulher negra só era reconhecido no momento do **castigo**.



➤ A mulher negra e a feminilidade

“Apesar dos testemunhos de escravos e escravas sobre a alta incidência de estupros e coerção sexual, o tema tem sido mais do que minimizado na literatura tradicional sobre a escravidão. Às vezes, parte-se até mesmo do princípio de que **as escravas aceitavam e encorajaram a atenção sexual dos homens brancos**. O que acontecia, portanto, não era exploração sexual, mas ‘miscigenação.’”



**PORTAL GELEDÉS.**

MULHER NEGRA

A Mulata Globeleza: Um Manifesto

A Mulata Globeleza não é um evento cultural natural, mas uma performance que invade o imaginário e as televisões brasileiras na época do **Carnaval**. Um espetáculo criado pelo diretor de arte Hans Donner para ser o símbolo da festa popular, que exibiu durante 13 anos sua companheira Valéria Valenssa na função superexpositiva de “mulata”. Estamos falando de uma personagem que surgiu na década de noventa e até hoje segue à risca o mesmo roteiro: é sempre uma mulher negra que samba como uma passista, nua com o corpo pintado de purpurina, ao som da vinheta exibida ao longo da programação diária da Rede Globo.

Por *Stephanie Ribeiro e Djamila Ribeiro*, no **#AGORAÉQUESÃOELAS**

"A mulher negra exposta como Globeleza segue, inclusive, um padrão de seleção estética próxima ao feito pelos senhores de engenho ao escolher as mulheres escravizadas que queriam perto de si. As escravas consideradas "bonitas" eram escolhidas para trabalhar na casa-grande. Da mesma forma, eram selecionadas as futuras vítimas de assédio, intimidação e estupro. Mulheres negras submetidas ao jugo "dos donos". Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem esses postos de serviço. **Os corpos dessas mulheres não eram vistos como propriedade delas, serviam apenas para ser explorados em trabalhos servis exaustivos além de servir como depósito constante de abuso sexual, humilhação, vexação e violência emocional.**"



Após 26 anos, Globo desiste de explorar nudez feminina e Globeleza surge vestida em nova vinheta

Há 26 anos a rede Globo apresentava a "Globeleza", a musa do Carnaval que samba completamente nua em rede nacional. Representada sempre por negras de corpos esculturais, a cada ano esta personagem foi dividindo opiniões e se tornando mais controverso.

 Hypeness / Jan 9, 2017



Irving Alves Chesco Ches até que enfim, sem mulher pelada e com outras manifestações do Carnaval

Curtir · Responder · 2 h



Debora Pessoa Finalmente uma mulher vestida.

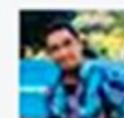
Curtir · Responder · 1 h



Nayara Santana A melhor vinheta até hoje! Até que fim aprendeu a valorizar a cultura do Brasil e não colocar uma mulher nua. 🙌🙌

Curtir · Responder ·  10.455 · 2 h · Editado

↳ 103 Respostas · 14 min

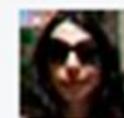


Rodrigo Braga Daumas O diretor mostrou que uma chamada não precisa exibir o corpo feminino seminua, mesmo que seja algo artístico, para chamar a atenção. A mais bela vinheta de todos os tempos, com as diferentes representações do carnaval brasileiro.

Parabéns!

Curtir · Responder ·  5.340 · 11 h · Editado

↳ 15 Respostas · 57 min



Daniele Brandini Sensacional! Mostrando a beleza e diversidade do carnaval brasileiro e até que enfim sem a exploração do corpo feminino! Bravo!

Curtir · Responder ·  4.103 · 11 h

PONTOS DE REFLEXÃO

- A exploração da mulher negra enquanto mão-de-obra.

- A hiperssexualização da mulher negra e o estupro como estratégia de controle dos corpos.

- A maternidade sob a ótica da interseccionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Edição Boitempo. São Paulo, Sp. 2016.
- LEAL, Maria. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. Fundação Oswaldo Cruz. 2017
- MARTINS, Leandro. Pesquisa aponta desigualdade na média salarial da mulher negra em SP. **Agência Brasil**, 08/03/2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/economia/audio/2023-03/pesquisa-aponta-desigualdade-na-media-salarial-da-mulher-negra-em-sp>>
- RIBEIRO, Stephanie; RIBEIRO, Djamila. A Mulata Globeleza: Um manifesto. Portal Geledés, 30/01/2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-mulata-globeleza-um-manifesto/>>
- _____. Após 26 anos, Globo desiste de explorar nudez feminina e Globeleza surge vestida em nova vinheta. Hypeness. 09/01/2017. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2017/01/apos-26-anos-globo-desiste-de-explorar-nudez-feminina-e-globeleza-surge-vestida-em-nova-vinheta/>>;

Obrigada!

